

A TRAJETÓRIA DE ESTUDANTES NEGROS E NEGRAS INGRESSANTES POR COTAS ÉTNICO-RACIAIS DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFPEL

JOSÉ ALBERTO COUTINHO DA SILVA¹; GIOVANNI F. ERNST FRIZZO²

¹Universidade Federal de Pelotas – j.coutinho19@hotmail.com1

²Universidade Federal de Pelotas – gfrizzo2@gmail.com 2

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo é um recorte de uma Dissertação de Mestrado, defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas (PPGEF/UFPeL) em 2020.

Dedicamos nosso estudo à compreensão de como se deu a trajetória de estudantes de graduação em Educação Física (EF), negros(as) e criteriosamente ingressantes de Ações Afirmativas - cotas étnico-raciais na UFPeL, buscando em suas trajetórias como esses perceberam a construção de suas identidades e como experienciaram o racismo em suas vidas. O recorte apresentado, é relacionado a primeira categoria das entrevistas com os estudantes.

A política em questão é que servirá como base norteadora de nosso estudo é a lei 12.711/123 que, mais conhecida como uma política de reparação de direitos essenciais, obriga todas as Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) e Institutos Federais de Nível Técnico (IFNT) a destinarem 50% das vagas ofertadas para estudantes autodeclarados e/ou deferidos por comissão - pretos, pardos, indígenas e/ou de escolas públicas e/ou baixa renda ou independente da renda, mas que se enquadrem em tais características étnico-raciais.

A referida lei determina, ainda, que a reserva siga certas condições, como a proporção de negros(as) e indígenas na população do estado onde está localizada a instituição, em acordo com o último censo demográfico divulgado pelo IBGE, e os(as) candidatos(as) destes grupos étnico-raciais (pretos, pardos e indígenas) devem disputar entre si um número de vagas proporcional à soma das três populações.

Embora oficialmente estejam instituídas cinco denominações “raciais” para referir-se à população dentro do país (branca, preta, parda, amarela e indígena), nesta pesquisa usaremos a expressão NEGROS(AS) para abranger os que se autodeclararam pretos(a) e pardos(a) nos indicadores analisados pela pesquisa.

2. METODOLOGIA

Este trabalho se caracteriza como um estudo qualitativo, de caráter descritivo, o qual exige do pesquisador uma série de informações sobre o que se objetiva pesquisar. Em outras palavras, um “estudo descritivo pretende descrever ‘com exatidão’ os fatos e fenômenos de determinada realidade” (TRIVIÑOS, 1987, p.111).

Nossa pesquisa se utilizou como instrumento de coleta, entrevista semiestruturada ou por “pautas” como define GIL (2008), o qual define este tipo de entrevista a que “apresenta certo grau de estruturação, já que se guia por uma relação de pontos de interesse que o entrevistador vai explorando ao longo de seu curso” (GIL, 2008, p.112). Nossa entrevista foi elaborada através de roteiro

com oito questões abertas, no intuito de buscar os objetivos propostos para o estudo.

As entrevistas servem para obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, creem, esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram e assim demonstram suas explicações ou razões a respeito das coisas. Escolhemos entrevistas por sua flexibilidade nas respostas, dizemos que elas são adotadas como técnica fundamental de investigação nos mais diversos campos e podemos afirmar que parte importante do desenvolvimento das ciências sociais nas últimas décadas foi obtida graças à sua aplicação (GIL, 2008).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este estudo foi realizado na Escola Superior de Educação Física (ESEF/UFPEl), curso criado em 1977 e situado na cidade de Pelotas/RS, com mais de 45 anos de história. É possível dizer que a ESEF obteve, na última década, um novo perfil discente, o qual só foi possível por conta da lei 12.711.

No referido curso o alunado cotista soma menos da metade do total de estudantes matriculados no ano de realização do estudo, 2018 - 2019.

No período referente à pesquisa, os matriculados na graduação contabilizavam um total de 567 estudantes, divididos em três cursos de graduação, licenciatura noturno e diurno e o bacharelado diurno. Entre esses, os estudantes cotistas étnico-raciais somavam apenas 127 estudantes (dados obtidos na ESEF em dezembro de 2018 e abril 2019).

Como colaboradores da pesquisa foram selecionados sete (7) estudantes ingressantes de 2014 e 2015, alunado que vivenciou os primeiros anos da política na UFPEl. E em nossa percepção já tinha certa trajetória no curso e na instituição.

Todos(as) do grupo pesquisado são oriundos de escolas públicas, seis estudaram na cidade de Pelotas/RS e um único no Rio de Janeiro/RJ, o qual relata que só foi possível estudar na UFPEl, por conta dos auxílios fornecidos pelas políticas de mobilidade estudantil na instituição. Em suas palavras: o que fez com que eu viesse para Pelotas foi justamente as políticas de acesso da Universidade, como auxílio moradia, auxílio permanência, transporte e alimentação, então isso foi o que 92 contribuiu muito para que eu fizesse a escolha daqui (ENTREVISTA 6, F. 2019) No entanto, quando perguntado aos estudantes da pesquisa se recebiam algum amparo da universidade como os citados acima pelo entrevistado F, todos negaram receber, o que indica que somente um único aluno recebia tais auxílios.

No grupo pesquisado, quatro tiveram quase que concomitantemente com os estudos no ensino superior dividir sua carga horária do dia com o trabalho, na maioria das vezes em ramos completamente diferentes da EF e geralmente com vínculos informais, como citaram, trabalharam de *“garçom”*, *“indústria têxtil”*, *“telecomunicações”*, *“vendedor”*, *“técnico de manutenção predial”*, *“atendente de farmácia”*, *“ambulante”* (ENTREVISTAS, 2019).

Essas informações são quase que idênticas às do panorama nacional, que demonstram serem os(as) negros(as) os(as) que predominam em serviços de menor rendimento e informalidade. Segundo os dados do IBGE (2018), negros(as) são maioria em serviços considerados “inferiores” e têm jornadas de trabalho maiores e mais desgastantes, como em setores de agropecuária 60,8%, na construção civil 63,0% e em serviços domésticos 65,9%.

Na entrevista, pedimos para que os estudantes perfizessem um caminho de suas trajetórias, que nos contassem suas vivências até o momento de decisão

do ingresso no ensino superior, e como se deu a escolha do curso de Educação Física (EF) neste processo.

Ao analisarmos suas narrativas, vimos que estão divididos em grupos distintos, mais especificamente em dois grupos: uns apresentam mais dificuldades que outros, quatro dos(as) entrevistados(as) apresentaram dupla jornada, isto é, precisavam trabalhar e estudar ao mesmo tempo; outros três não tiveram problemas em continuar os estudos, sem a necessidade de ter que trabalhar para se sustentar.

Durante a conversa com os(as) entrevistados(as), em seus relatos, observamos uma grande variedade de cursos em que os estudantes ingressaram antes de adentrarem na Educação Física (EF) da ESEF/UFPEL, mostrando que a EF muitas vezes acabou sendo uma opção secundária. Citamos aqui os cursos que eles relataram ter ingressado anteriormente: História, Design, Administração, Eletrônica, Telecomunicações e Modelagem. Apareceram também cursos que relataram como “desejados”, entre esses, Medicina, Português, Biologia e Administração. Também passaram por outras universidades e escolas técnicas, como a UERJ, UNISSINOS, Anhanguera, IFSUL, UCPel.

O que nos chamou atenção é que somente um dos entrevistados queria realmente cursar EF desde o início de sua jornada, enquanto os outros passaram por processos migratórios até a escolha do curso de EF.

Acreditamos que um dos possíveis fatores que foram decisivos para esses(as) estudantes ingressassem na EF em uma instituição pública tenha sido as políticas de cotas. “*minha trajetória começou em 1998, mais ou menos, mas eu já queria fazer educação física, mas eu queria fazer educação física para jogar voleibol*” (ENTREVISTA 7, V. 2019), “*sem a cota eu não teria entrado, assim, sabe nesse exame do ENEM que eu realizei estava de fora e entrei na chamada oral ali*” (ENTREVISTA 1, G. 2019).

Pudemos perceber que parte do grupo entrevistado simplesmente “caiu” na EF, parecendo ser mais por uma questão de nota do ENEM. Em vista do exposto, percebemos que muitos estudantes foram parar na EF porque era “o que tinha”, uma vez que também vimos em seus depoimentos que nem sempre foi o curso que desejavam.

Em levantamento feito pelo jornal Nexo sobre os dados do Censo da Educação Superior de 2016 (INEP), vemos que o acesso dos alunos cotistas ainda não é o mesmo em todas as áreas do conhecimento; em um comparativo atualizado em 2019, encontramos a distribuição de estudantes negros(as) nas graduações das universidades do país, e dentre os cursos mais procurados por esses estudantes estão as graduações em Recursos Humanos, Enfermagem, Serviço Social e as Licenciaturas, em específico, Letras e Química (Nexo, 2019; INEP, 2016).

Visto isso, vemos que a Educação Física é um dos cursos que mais acolhe estes estudantes na universidade, pois os alunos cotistas geralmente não procuram cursos concorridos como Medicina, Odontologia e Engenharias porque necessitam, na maioria das vezes, trabalhar, e então migram geralmente para cursos noturnos e cursos de licenciatura.

4. CONCLUSÕES

Amparados pelos depoimentos dos(as) estudantes da pesquisa, consideramos que o desafio agora é uma política de permanência, a política de cotas e toda a luta envolvida conseguiu garantir um acesso mais direto de negros(as) nestes espaços, trazendo para o agora a necessidade de avançar no

que diz respeito a uma reestruturação institucional da universidade e sua produção de conhecimento para melhor acolher esses estudantes.

Podemos alegar que o racismo na sua profunda “raiz” ainda não foi combatido nas instituições de ensino superior e acreditamos que estamos longe de chegar ao ideal. Mas a luta continua. Entretanto, vale ressaltar que existem experiências localizadas e contextualizadas, as quais têm permitido às instituições uma nova produção do conhecimento, como a nossa pesquisa e algumas modificações no currículo de formação acadêmica.

Asseguramos que as políticas de permanência e pós-permanência para os(as) estudantes negros(as) devam se tornar prioridade nas IFES, pois, um dos principais motivos de evasão destes estudantes está relacionado às dificuldades de prosseguir no curso por conta da sobrecarga muitas vezes do trabalho, ou do distanciamento do local das aulas ou ainda as dificuldades de se manter em uma rotina longa de estudos; são fatos que criam barreiras que, muitas vezes, sem o auxílio da instituição se tornam intransponíveis.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua Primeiro Trimestre de 2019. IBGE.

BRASIL. Lei n. 12.711, de 29 de agosto de 2012. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 30 ago. 2012.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo:Atlas,2008.220f.

SILVA, José Alberto Coutinho; BOLDT, Eduane Lapuente; FRIZZO, Giovanni. Perfil Discente Dos Cotistas Étnico-Raciais Da ESEF/UFPEL. In: ENPOS - XXI ENCONTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO. 2019. Pelotas. Anais Eletrônicos. UFPel, 2019. Disponível em: <https://cti.ufpel.edu.br/siepe/arquivos/2019/CS_00518.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2020.

SILVA, José Alberto Coutinho; FRIZZO, Giovanni. A Trajetória De Estudantes Negros E Negras Ingressantes Por Cotas Étnico Raciais Dos Cursos De Graduação Em Educação Física Da UFPel. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas. Data da Defesa: 24/07/2020.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987. 175 p.

UFPEL, Núcleo de Ações Afirmativas e Diversidade (NUAAD) e Comissão de Controle na Identificação do Componente Étnico Racial (CCICE). Universidade FederaldePelotas,2019. Pelotas. Disponível em:< <https://wp.ufpel.edu.br/naaf/>>. Acesso em: 21. out 2019.

UFPEL. Universidade Federal de Pelotas. Institucional. Histórico. Atualizada em novembro de 2017. Disponível em: <http://portal.ufpel.edu.br/historico>>. Acesso em: 12 mar. 2019.